
CAPÍTULO IV

HISTÓRIA SOBRE O DESPORTO E CULTURA NA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Cláudio Mungói

Leonardo Nhantumbo

João Miguel

Alda Costa

1. A dimensão desportiva na Universidade

É importante começar por destacar que, em Moçambique, a história do desporto moderno iniciou nos princípios do século XX, altura em que diversas modalidades foram introduzidas, durante a administração colonial portuguesa. Lourenço Marques e Beira, que eram os principais centros urbanos no período colonial, foram os palcos do despertar do movimento associativo desportivo. A modalidade que mais rapidamente se desenvolveu foi o futebol¹.

MUTISSE *et al.* (2017) referem, no estudo em alusão que, no período colonial, emergiram na então cidade de Lourenço Marques, duas associações de futebol, nomeadamente a Associação de Futebol de Lourenço Marques (AFLM) e a Associação de Futebol Africana (AFA). A AFA foi fundada em 1923 e juntava clubes fundados por colonos, que tinham poucos jogadores negros e mestiços. A AFA foi fundada em 1924 e era dirigida por negros com estatuto de assimilados.

Pereira e Gonzalez (2016) apontam que, em meados do século XX, uma universidade já era desejada por muitos moçambicanos e portugueses residentes na colónia. Os mesmos autores assinalam que a tomada de decisão sobre a criação da Universidade ocorre num período em que, nas colónias portuguesas, surgem revoltas de trabalhadores e camponeses contra formas de exploração e, para o caso específico de Moçambique, são conhecidas as greves dos estivadores e as revoltas que precederam o massacre de Mueda em 1960. Também é importante assinalar que, a nível mundial, os

¹ MUTISSE, L; GASPAR, N.; MACHAVA, A. **Contribuição para o Estudo do Desporto em Moçambique**, 1975-2015. Moçambique. Ministério da Juventude e Desporto. Maputo, 2017 (Não Publicado).

processos de descolonização desenvolvem-se em África pela luta dos movimentos de libertação nacional, num contexto internacional favorável a uma nova ordem.

De acordo com a mesma fonte, a Universidade, neste contexto, para além de servir para os estudantes da colónia completarem os seus estudos, seria o espaço privilegiado para os estudantes adquirirem uma visão integrada da realidade, de melhor influenciar o desenvolvimento do território, de acordo com os seus interesses.

Note-se que, face a pressões internas e externas, registou-se, inclusive, a tentativa de golpe de Estado e Portugal inicia, em 1961, processos de Reformas na Política Colonial, em resposta a este movimento de revolta. Foi neste contexto de reformas que, através de um Decreto-Lei, se extinguem formas de trabalho forçado no cultivo do algodão e se anuncia a futura criação da Universidade em Angola e Moçambique e, em Agosto de 1962, são criados por Decreto os Estudos Gerais Universitários de Angola e os de Moçambique.

Criada em 1962, sob o nome de Estudos Gerais Universitários de Moçambique (EGUM), a Universidade Eduardo Mondlane (UEM) ostenta um estatuto cronológico que a marca como a primeira e mais antiga universidade do País. Desde esses primórdios de ensino universitário em Moçambique que há registos de prática de diferentes modalidades desportivas pelos estudantes universitários.

A criação dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique situa-se no contexto histórico do fim do colonialismo português e do início da luta armada de libertação de Moçambique.

Veiga Simão, o primeiro Reitor dos Estudos Gerais e Universitários de Moçambique e da Universidade de Lourenço Marques, afirmou que a aposta de desenvolvimento da Universidade em Moçambique fora tomada conscientemente sob alegação das universidades sul-africanas estarem a absorver um considerável número de estudantes saídos do Terceiro Ciclo e que muitos acabavam por se fixar neste País.

Este argumento desfazia a ideia de Salazar de que a criação das universidades nas colónias iria acelerar as independências desses territórios. Foi, portanto, o argumento da forte absorção dos estudantes do Terceiro Ciclo na vizinha África do Sul, aliado a outros factores, que permitiu a abertura das universidades nas colónias.

No pensamento de Veiga Simão, “a independência tinha a ver com a evolução natural de cada sociedade, sendo preferível, a ocorrer, uma independência de

Moçambique com Portugal do que uma independência contra Portugal” e, na mesma linha de pensamento, poder-se-ia considerar que a criação da Universidade correspondia, também, ao estado de desenvolvimento de Moçambique.

Adriano Moreira, Ministro do Ultramar no Governo de Salazar, teve um papel relevante no lançamento das Reformas da Política Colonial, contudo, ainda em 1962, pouco depois da audiência que teve com Salazar, se demitiu alegadamente por sentir no ditador vontade de travar as reformas (PEREIRA e GONZALEZ, 2016). Para estes autores, fechada a opção das reformas, o regime colonial-fascista lança-se na guerra e os nacionalistas africanos pegam em armas e organizam a luta pela independência dos seus países.

Rocha (2014)² considera que foi em 1962 que se introduziu o Ensino Superior em Moçambique, com a criação dos Estudos Gerais Universitários de Lourenço Marques (EGUM), tornando-se na Universidade de Lourenço Marques (ULM), em 1968. Para este autor, o desporto universitário rapidamente ganhou uma dinâmica própria, tornando-se numa escola de referência, obviamente num contexto ainda marcado pelo elitismo e pela exclusão, própria do facto colonial, que impedia o acesso da maioria da população ao Ensino Superior. O desporto, a par de outras áreas culturais – teatro, canto, orfeão académico, rádio, cinema e outros, - era uma actividade de referência desenvolvida no âmbito da Associação Académica de Moçambique (AAM), criada em 1963, e que, rapidamente, se impôs no movimento associativo local, sobretudo no campo desportivo, em que competia, inicialmente, com a designação Estudos Gerais Universitários (EGUM), com desempenhos notáveis em modalidades como o futebol, o basquetebol, o hóquei em patins e o andebol, entre outras, ombreando com o que de melhor se fazia no desporto federado.

A participação, a partir de 1968/69, da já então designada Associação Académica de Moçambique (AAM), fez-se sentir de forma altamente competitiva, não tanto em termos de provas ganhas - ganhou algumas, obviamente! mas, sobretudo, de promoção e enriquecimento da vida desportiva, não só entre os estudantes universitários, como no desporto, em geral, no País.

² Aurélio Rocha. Artigo não publicado. Conferência Nacional sobre o Desporto. Co-organizado pela UEM e o Ministério da Juventude e Desporto, 2014.

Refira-se que, do historial da participação da AAM em competições de nível universitário e federado, contam-se vários títulos “distritais” (Lourenço Marques), “provinciais” (Moçambique) e “nacionais” universitários. Vale referir que atletas de basquetebol e de atletismo da AAM foram convocados a integrar a selecção de Portugal para os Jogos Mundiais Universitários e outras representações desportivas de Portugal (PEREIRA e GONZALEZ, 2016).

Entretanto, a partir do final da década 60, poucos anos após a sua criação, a AAM tornou-se, no plano desportivo, uma das mais ecléticas associações de Moçambique, competindo com qualidade com as melhores equipas em várias modalidades. Consta que, nos tempos iniciais dos EGUM, e na fase de organização da AAM, uma das estratégias adoptadas para mobilizar os estudantes para as actividades académicas foi incentivá-los a praticar desporto, sendo que, nessa altura, o futebol, basquetebol, andebol, voleibol, ténis de mesa e badminton eram as modalidades mais populares no seio da comunidade estudantil (PEREIRA e GONZALEZ, 2016).

Publicado em 1971 pelo “O Diálogo”, “Desporto na Universidade ou Desporto Universitário” é o título de um artigo de autoria do Professor Teotónio Lima, então responsável dos Serviços de Educação Física da Universidade de Lourenço Marques (ULM) e reconhecido treinador de basquetebol, que espelha, claramente, o papel crucial que a política desportiva da AAM desempenhou no processo de desenvolvimento da cultura desportiva em contextos universitário em Moçambique.

Trata-se, pois, de um capítulo onde o desporto na Universidade Eduardo Mondlane pode ser interpretado, analisado e percebido na perspectiva histórica e política, e inserida neste contexto, sendo, por isso, um grande marco para o País. De igual modo, o capítulo poderá incentivar mais e melhor pesquisas e investigação sobre esta matéria, enquadrado na evolução da sociedade moçambicana, baseada, sobretudo, em dois períodos – o período colonial e período pós-independência.

MUTISSE *et al.*, (2017) destacam que as autoridades coloniais desenvolveram um quadro legal com vista a reger as regras da prática desportiva, separando os europeus, mestiços, indianos e os indígenas. Neste período, o desporto na universidade deve ser inserido neste contexto de segregação, na medida em que esta era um espaço reservado a uma elite branca. Contudo, Moiana (2018) analisa a contribuição da AFA (Associação de Futebol Africana) na luta anti-colonial em Moçambique, no período que vai de 1920 a 1975.

Com a independência nacional conquistada a 25 de Junho de 1975 e a criação, em 1976, da Universidade Eduardo Mondlane, registam-se mudanças significativas da forma de abordagem do desporto na Universidade, no quadro do novo contexto político e social do País, com abertura do espaço universitário a toda a população moçambicana sem discriminação de raça, cor, origem étnica e outras formas de segregação.

O desporto em Moçambique entrou num período de reestruturação. O Governo envidou esforços com vista a promover a massificação e liberdade da prática desportiva, sem descuidar os momentos e particularidades históricas do período pós-independência e que teve reflexos sobre o desporto na UEM.

De forma mais específica, Rocha (2014) assinala que, com a independência de Moçambique, em 1975, o discurso político deixava antever a necessidade de se dar maior importância às actividades lúdicas e literárias, secundarizando a prática desportiva, cujo papel devia ser repensado para o novo País que se ansiava construir. Isto é, no novo quadro político, o desporto era concebido como uma estratégia, entre outras, de construção de uma unidade nacional que superasse o passado colonial, o que devia passar pela emergência de um «homem novo», também na esfera desportiva. É evidente que esta visão para o desporto era consentânea com a linha de acção geral do novo poder político, ilustrada pelo uso de rituais e discursos típicos do nacionalismo contra o inimigo, real ou suposto, e de oposição à intelectualidade e à pequena burguesia em geral. Na sequência desta dinâmica revolucionária, no caso do desporto na UEM, nos anos que se seguiram à independência, a acção desportiva ficou reduzida à educação física de carácter obrigatório, retirando à prática desportiva o espaço que antes detinha. Daí, resultou a perda de memória sobre a importância que a prática desportiva tivera não só no espaço universitário como no País em geral.

É, pois, importante, neste novo contexto de Moçambique independente, compreender as metamorfoses da AAM, cujo papel foi, em grande medida, muito relevante no período colonial, como dinamizadora da actividade desportiva e cultural na Universidade. A AAM e as suas actividades ajudavam a tornar visível a Universidade, mas, também, cresciam com a Universidade (PEREIRA e GONZALEZ, 2016).

Contudo, segundo Rocha (2014), é de toda a justeza mencionar o meritório trabalho desenvolvido pela já cinquentenária Universidade Eduardo Mondlane (UEM, 1976), a sucedânea da ULM que, de forma coerente e estruturada, através das suas

estruturas desportivas, vai tentando dinamizar a actividade desportiva entre os estudantes, apesar dos vários condicionalismos que enfrenta, abalada que foi pelo distanciamento ou a dissociação a que foi votada pelas entidades universitárias, AAM, após a independência. A quase marginalização da AAM, um clube universitário por excelência, agravou a situação do desporto no meio universitário, uma vez que se perdeu o verdadeiro instrumento da prática desportiva universitária.

Para este autor, o processo de desvinculação da Associação Académica iniciou-se em 1976, tendo sido consumado em 1977, levando progressivamente ao fim da actividade desportiva na já então designada Universidade Eduardo Mondlane. Tratou-se de uma acção puramente administrativa tomada pela entidade de tutela, a Secretaria de Estado da Juventude/Ministério da Educação, em 1976/1977.

Rocha (2014) aponta que a tentativa de dissolução da Associação Académica de Moçambique, a instituição-mãe que tutelava todas as actividades universitárias, incluindo as da sua agremiação desportiva, ocorreu na mesma altura em que foram dissolvidas outras associações culturais e cívicas por, na argumentação oficial, acentuarem divisões étnicas e culturais ou por ostentarem um cunho elitista. Diga-se, porém, que a iniciativa de encerramento da AAM como um todo, foi tomada pela própria direcção da associação, em assembleia geral, invocando-se, então, entre outras razões, a falta de interesse, quiçá desconfiança da Associação por parte dos responsáveis governamentais e, também, pelo facto do novo poder não admitir a existência de organizações autónomas e fora do seu controlo. O mesmo autor adianta, ainda, que, desde 1974, se tornou evidente que as entidades governamentais apontavam no sentido da desvalorização do papel da Associação Académica de Moçambique e do movimento estudantil, bem como de outras associações culturais, nas suas distintas vertentes e actividades. Faz referência às orientações que pretendiam a dissolução da AAM, onde foi, então, sugerida a sua transformação em clube de bairro e a consequente mudança de nome para Clube da Polana, por estar localizada próxima do bairro com o mesmo nome.

Mais adiante, o autor acima referido destaca que o Clube da Polana, cujo registo oficial se desconhece, chegou a participar numa prova do calendário desportivo local, o Campeonato da Cidade (distrital?), durante uma época (1977/1978), cessando, depois disso, praticamente, a sua actividade. Os atletas que actuavam neste clube (quase todos oriundos da AAM), foram, mais tarde, integrar equipas de outros clubes da cidade.

Para o mesmo autor, a partir de 1978/1979, teve início um movimento do que restava de antigos adeptos e dirigentes - que não se tinham conformado com o destino que as entidades governamentais deram ou pretenderam dar à agremiação desportiva estudantil - com vista à recuperação da Académica, processo que culminou na confirmação da Associação Desportiva Académica de Maputo, em 1987/1988, pouco depois designada Associação Académica de Maputo. Desde essa data, foi percorrido um longo mas perseverante caminho que levou ao reconhecimento da agremiação por parte da UEM e das entidades governamentais. Hoje, a Associação Académica de Maputo tem uma participação activa no cenário desportivo nacional, contribuindo com a sua presença efectiva e prestigiada em várias modalidades desportivas, com destaque para o futebol, basquetebol, voleibol e hóquei em patins.

É notório que, com o advento da independência nacional em 1975, o desporto em geral foi reestruturado de acordo com o sistema então vigente. No âmbito desse processo de reestruturação, a AAM foi desintegrada da UEM e, em cumprimento das orientações governamentais, passou a designar-se Clube da Polana, até ao ano de 1979. Pouco anos depois, na sequência do processo de integração dos clubes nas empresas, o clube fundiu-se com o Grupo Desportivo de Maputo.

Volvidos oito anos, portanto, em 1987, em sede da sua Assembleia Geral, o clube volta a adoptar a designação de Associação Académica de Maputo e as tradicionais cores do seu uniforme preto. Esta decisão foi tomada depois de este clube da UEM ter se sagrado campeão e, por conta desse feito, ter ascendido à 1ª Divisão do Campeonato de Futebol da Cidade de Maputo.

O ecleticismo da AAM ganha maior expressão depois do sucesso e visibilidade conquistados na modalidade de futebol, ao arrebataram vários títulos nacionais na modalidade de basquetebol em femininos e masculinos. Importa destacar o título africano conquistado pela equipa feminina no ano de 2001, na Costa do Marfim. Ao nível dos escalões de infantojuvenis na modalidade de futebol, em particular, a AAM sagrou-se diversas vezes campeã, para além da sua ascensão à maior prova futebolística do País, a Liga Moçambicana de Futebol, vulgo Moçambola.

Lamentavelmente, a AAM não resistiu às exigências concorrenciais impostas pela dinâmica do mercado na modalidade de basquetebol, tendo encerrado a secção desta modalidade. Em contraponto, na modalidade de voleibol, a académica sagrou-se várias

vezes campeã nacional e tem participando em competições continentais. Em 2014, a AAM ampliou a sua veia eclética, abrindo a secção de hóquei em patins, tendo participado por três anos consecutivos nas competições do campeonato da cidade de Maputo.

Durante o seu percurso, a UEM distinguiu-se na área do desporto pelo reconhecimento e valorização desta área no conjunto das suas actividades prioritárias. Com efeito, ao criar a Direcção de Cultura e Desporto (DCD) no ano de 2000 e o Centro de Desenvolvimento do Desporto e Educação Física (CDDEF) em 2005, a UEM atesta, inequivocamente, a nobre consciência institucional bem como o seu comprometimento em relação à importância do desporto no processo da formação integral do cidadão.

Ao longo dos anos do seu funcionamento, estas duas unidades orgânicas da UEM lideraram todo o processo de organização e gestão do desporto na universidade. Para além da programação desportiva para a comunidade universitária, vários eventos e cursos de curta duração foram organizados sob a égide ora do DCD ora do CDDEF, nomeadamente *workshops*, seminários, cursos de medicina desportiva, cursos de treinadores, cursos de arbitragem, cursos de mergulho desportivo, entre outras actividades desportivas dignas de realce.

Refira-se que, alguns destes eventos, foram levados a cabo em parceria com certas unidades académicas da UEM, organizações gimnodesportivas e universidades congéneres estrangeiras, quais sejam, a Faculdade de Medicina da UEM, a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, a Universidade de Pádua-Itália, a Universidade de Nice-Sophia Antípolis - França e o Clube de Verona-Itália.

Convém destacar que, no ano de 2000, a DCD da UEM organizou os Jogos da Confederação do Desporto Universitário e Colégios da África Austral (CUCSA Games), onde participaram cerca de 1200 estudantes dos países da região, nomeadamente África do Sul, Zimbabwe, Eswatini, Malawi, Zâmbia, Namíbia, Lesoto e Botswana. Nos anos de 2002 e 2006, a UEM esteve representada nas Universíadas de Bangkok, na Tailândia e participou nas Universíadas de Pequim, na China, respectivamente.

A criação da Escola Superior de Ciências do Desporto (ESCIDE), no ano de 2010, constitui o marco que sublima o comprometimento que a UEM assume institucionalmente com o desporto. A ESCIDE preconiza como sua visão “Ser um centro de excelência e de referência na produção e partilha de conhecimentos científicos e de

valores sociais, bem como na formação de profissionais capazes de participar, de forma pró-activa e inovadora, no desenvolvimento de todas as dimensões do desporto em prol da sociedade”, operacionalizada através da sua missão de “Formar e prover o País e a sociedade de graduados formados em ciências do desporto, com elevada qualificação técnico-científica, dotados de valores éticos e morais e capazes de contribuir, de forma criativa, no desenvolvimento do desporto nas suas dimensões social e económica”.

No âmbito da prossecução da sua visão e missão estatutárias, a ESCIDE tem-se afirmado activamente como o motor da formação superior em Ciências do Desporto, bem como da oferta de uma diversificada programação de actividades desportivas para a comunidade universitária da UEM.

Efetivamente, no domínio da formação, desde a sua criação até a esta parte, a ESCIDE, para além de ter graduado e colocado no mercado de trabalho mais de uma centena de Licenciados em Ciências do Desporto, distribuídos pelos ramos de Treino Desportivo, Desporto Adaptado e Saúde e Gestão Desportiva, introduziu, em Abril do ano de 2021, a 1ª edição do Curso de Mestrado em Ciências do Desporto.

No domínio académico-científico, a ESCIDE tem contribuído com uma média anual de uma dezena de artigos científicos publicados em revistas com revisão de pares indexadas e não indexadas, para além da organização e participação em eventos científicos inseridos no vasto ramo das Ciências do Desporto dentro e fora do País.

No eixo da extensão universitária, cujas actividades, que incluem os serviços prestados à comunidade e a oferta da prática desportiva para a comunidade universitária, a ESCIDE tem vindo a notabilizar-se através da organização de um conjunto diversificado de actividades desportivas para a comunidade universitária da UEM, assim como de intercâmbio desportivo com universidades nacionais e estrangeiras.

Em articulação com a Associação de Estudantes Universitários da UEM (AEU), a ESCIDE é responsável pela planificação, organização e gestão da programação desportiva da UEM, envolvendo seus estudantes e funcionários.

A Liga UEM é um campeonato universitário que vem sendo organizado anualmente pela ESCIDE desde a sua criação. Este campeonato envolve funcionários (Liga UEM Funcionários) e estudantes de ambos os sexos (Liga UEM Estudantes). Esta competição movimenta as modalidades de futebol, futsal, basquetebol, voleibol e andebol,

sendo que, entre os funcionários, as competições são disputadas apenas em masculinos na modalidade de futsal. A Liga UEM é disputada entre as diferentes faculdades e escolas da UEM localizadas na cidade de Maputo.

Disputada entre estudantes de várias Instituições do Ensino Superior (IES) públicas e privadas do País e bastante competitiva, a Taça Universitária é outra competição organizada pela UEM. A falta de um quadro oficial de competições desportivas universitárias sob a égide da entidade responsável pelo desporto universitário (a Federação de Desportos do Ensino Médio e Superior – FEDEMS, criada no ano de 2000, há mais de uma década que não promove nenhuma competição) concorre para que esta competição tenha uma significativa adesão entre as IES. A UEM granjeia um reconhecimento particular no seio das IES pelo facto de se afirmar como um verdadeiro promotor da cultura desportiva universitária, estendendo a oferta da prática desportiva universitária para as IES públicas e privadas Moçambicanas, de um modo geral.

As Escolas Superiores da UEM localizadas fora da cidade de Maputo não são excluídas da programação desportiva da Universidade. Com efeito, os Jogos da UEM, realizados anualmente durante a semana intercalar, são uma verdadeira festa desportiva para toda a UEM. Na verdade, estudantes da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, Escola de Ciências Marinhas e Costeiras da Zambézia, Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo de Chibuto e Escola Superior de Desenvolvimento Rural de Vilanculos juntam-se, anualmente, num intercâmbio não apenas desportivo como também sociocultural, em que o desporto faz valer as suas valências enquanto veículo para a socialização da comunidade universitária da UEM oriunda de vários pontos do País.

Consciente de que a programação desportiva até aqui oferecida à comunidade universitária da UEM não é bastante, face ao seu universo de estudantes, novas provas desportivas foram idealizadas e acrescentadas ao programa de actividades desportivas da UEM. Provas como a Liga dos Campeões Universitários, o Torneio Universitário de Futebol de Praia, a Liga UEM “B”, o Torneio Universitário de Xadrez e a Feira Desportiva e de Saúde da UEM fazem parte desse pacote de competições e actividades desportivas que estavam para ser introduzidas a partir do ano lectivo de 2021, mas, devido ao estado de calamidade pública decretado por causa pandemia da Covid-19, foram canceladas.

A UEM, enquanto centro de referência na produção e disseminação de conhecimento científico, também assume um engajamento social com destaque para a

difusão da cultura, a promoção da cidadania e do bem-estar colectivo, aspectos fartamente relevantes na formação do capital humano com competências para desencadear e otimizar os processos de desenvolvimento do nosso País. É dentro deste quadro que a UEM tem reconhecido e imortalizado os feitos meritórios de cidadãos moçambicanos que se tenham notabilizado no âmbito desportivo, elevando assim a consciência cívica e o patriotismo.

Neste enquadramento, sob proposta da ESCIDE, a UEM já homenageou as seguintes individualidades:

- a. Distinção à Família Pimentel com a Medalha de Mérito Desportivo, realizada no dia 9 de Agosto de 2019, numa cerimónia em que foi lançado o livro que retrata a história e os feitos desta família na modalidade de hóquei em patins em Moçambique e no mundo, intitulado “Os Pimentel: um Caso de Reinvenção do Hóquei em Patins em Moçambique”.
- b. Distinção à Campeã Olímpica Maria de Lurdes Mutola, orgulhosa e carinhosamente tratada como “Menina de Ouro”, com a outorga do título de Doutora *Honoris Causa*, a 19 de Agosto de 2018, em reconhecimento aos títulos mundiais e olímpicos conquistados ao longo da sua exemplar carreira desportiva.
- c. Distinção a José Filipe Magalhães, figura icónica do atletismo nacional, numa cerimónia homenagem realizada a 20 de Maio de 1915 e que contou com o lançamento do livro que retrata a vida e o percurso desportivo deste cidadão, considerado o melhor atleta de atletismo de todos tempos, intitulado “José Filipe Magalhães: Uma Vida Épica no Atletismo”.

“Complexo Desportivo Altenor Pereira” é a designação atribuída ao conjunto de instalações desportivas localizadas no Campus Principal da UEM, uma Distinção merecida ao Eng.º Altenor Pereira, realizada no dia 23 de Julho de 2014, em reconhecimento do seu valioso contributo para o desenvolvimento do desporto em Moçambique, em geral, e do futebol, em particular, tanto enquanto praticante, treinador e seleccionador nacional quanto como gestor desportivo, sobretudo pelos longos anos enquanto Presidente da Associação Académica de Maputo.

Vale dizer que, hoje, no domínio da prática desportiva, a AAM volta a ter um especial protagonismo no panorama desportivo local, nomeadamente através das suas equipas. A AAM voltou a ser, mais de forma oficiosa do que oficial, o clube dos estudantes, merecendo, para tal, actualmente, a confiança e o carinho dos actuais dirigentes da UEM (ROCHA, 2014).

Para este autor, um exemplo digno de realce pode ser observado na Universidade Politécnica que, pela mão da sua associação de estudantes, fundou o seu clube - o Clube de Desportos da Politécnica - já com lugar garantido na alta competição nas modalidades de basquetebol e atletismo. Com a sua equipa sénior de basquetebol feminino, a Politécnica é campeã nacional e já se sagrou, por duas vezes, campeã universitária de África.

E destaca a importante participação das equipas de futebol da Universidade Pedagógica que, no terreno desportivo federado, se vão batendo de igual para igual com equipas do escalão superior. Estas experiências são, segundo Rocha (2014), a prova inequívoca de que é possível as universidades serem espaços onde o desporto, recreativo ou federado, tem lugar próprio.

O que se pretende com este capítulo é trazer um recorte paradigmático que irá enriquecer, por um lado, o desporto enquanto objecto de conhecimento, do desporto praticado, vivido e modificado no tempo e que conserva a sua mística e marca identitária da UEM, reconhecendo as mudanças que ocorrem em função das mudanças estruturais e administrativas à escala nacional e com reflexos na forma em que o desporto em abordado na universidade. Por outro, a cultura entendida como ordem simbólica, consiste na capacidade humana de dar um sentido às coisas, que está além de sua presença material, isto é, na capacidade de atribuir significação e valores às coisas e aos homens. Os seres humanos, aponta Titiev (2000), não apenas produzem e recebem expressões linguísticas significativas, mas, também, conferem sentido a construções não-linguísticas, tais como acções, obras de arte e objectos materiais de diversos tipos.

Consiste, igualmente, no conjunto de comportamentos, acções e instituições resultantes da práxis humana, através do trabalho, rituais religiosos, construção de habitações, fabrico de utensílios e instrumentos, culinária, formas de autoridade, tecelagem, vestuário, formas de guerra e de paz, dança, música, teatro, pintura, escultura, etc.

Nesta conceptualização, ficam evidenciadas as duas perspectivas de reflexão sobre a cultura, a antropológica e a sociológica. Do ponto de vista antropológico, segundo Botelho (2016), a cultura produz-se através da interacção dos indivíduos, que elaboram os seus modos de pensar e sentir, constroem valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem as suas rotinas. Observada pelo ângulo sociológico, a cultura refere-se a uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum público, através de meios específicos de expressão.

Nesta cóptica, não é possível ao homem viver fora do seu universo cultural. Talvez teria sido em consideração a esse aspecto que Samora Machel teria afirmado que “a cultura é o sol que nunca desce”. Visionário que foi, o primeiro presidente de Moçambique constatou a grande riqueza cultural ostentada pelo País e manifestada através da diversidade na composição do mosaico artístico-cultural. Assim, em toda a sua extensão territorial, Moçambique possui diversas manifestações artístico-culturais, potencial activo para alavancar o desenvolvimento das indústrias culturais e criativas.

Recorre-se, em algum momento, da elaboração do presente capítulo, a AAM, cujo percurso se confunde com edificação da história do desporto na UEM, pois, foi a partir da AAM, que muito se sabe e se registou sobre o desporto universitário, sobretudo no período colonial.

Num esforço conjunto entre autores deste capítulo, pretende-se evidenciar que o desporto da UEM une, representa emoções, conhecimento, prática, história, política e que carrega consigo a sua própria singularidade integrada no amplo espectro social e sobretudo associativo.

Nesta perspectiva, reconhece-se que o desporto pode ser estudado e receber aportes teóricos, interpretativos, analíticos e metodológicos de várias áreas de conhecimento científico e popular e que transita ao longo do tempo, mas sem perder a sua inserção com o ambiente e vivências na UEM.

No âmbito da «viragem» ocorrida nos finais da década de setenta do século passado, a Carta Internacional de Educação Física e Desporto foi fundamental para se pôr em causa a projecção dos antagonismos políticos da Guerra Fria na competição desportiva e a universidade não ficou imune a esta situação. Desde então, em consonância com o crescente destaque na sociedade, defendeu-se a necessidade de

«democratização do desporto», meta discutível e, em rigor, até hoje por atingir, apesar da massificação das práticas desportivas e da cultura no mundo e, em particular, em África³.

No tocante à história do desporto e da cultura, os investigadores centraram o seu interesse tanto no desporto praticado no período colonial como o promovido no contexto pós-colonial. No passado colonial, o desporto tanto pareceu ser um veículo de afirmação e legitimação da soberania colonial como facultou formas parcelares de inserção e ascensão social dos Africanos. Simultaneamente, o ambiente cultural em torno das práticas desportivas pareceu propício para comportamentos de resistência, designadamente no seio do movimento associativo. Efectivamente, as associações culturais e recreativas, onde o desporto e o lazer ocupavam um lugar crucial, transformaram-se em espaços de sociabilidade e de redes de relações, neles se exprimindo, regra geral, tensões sociais e raciais, despertando, não raras vezes, processos de busca e de gestação de identidades (*Idem*).

No pós-independência, depois de um período de relativa subalternização no espaço público, o desporto voltou a ser mote de sociabilidade. Por isso, a relação entre desporto e imprensa, comunicação em geral, tem vindo a tornar-se, uma importante matéria de investigação.

À semelhança do que ocorre no mundo, em Moçambique o desporto e as actividades com ele relacionadas sempre estiveram, e continuam a estar, muito presentes na comunicação social, tornando-se, por esse motivo, fundamental perceber as dinâmicas mediáticas e, por via destas, as de cariz político, social, económico e cultural em torno de muitos aspectos associados ao desporto (PEREIRA e GONZALEZ, 2016).

Desde os Estudos Gerais Universitários em Moçambique, na primeira metade dos anos 60 em Moçambique, há notícias da prática de diferentes modalidades desportivas pelos estudantes. De início como actividade recreativa, de educação física, e, depois, de forma gradual, a um nível competitivo cada vez mais exigente.

Neste período, nos EGUM e na ULM, o desporto universitário foi progressivamente enquadrado e dinamizado pela AAM e revelou-se um factor de

³ Rocha, Aurélio. Notas extraídas da Contextualização da Proposta de Realização do V Encontro Internacional sobre o Desporto e Lazer em África. Universidade Eduardo Mondlane/Faculdade de Letras e Ciências Sociais, 2018.

mobilização e unidade estudantil, até de marca identitária, mas, também, foi em certos momentos, foco de divergências e tensões no seio do movimento associativo, onde coexistiam diferentes entendimentos do fenómeno desportivo.

De acordo com a mesma fonte, os estudantes praticavam desporto a dois níveis: no plano universitário, por um lado, em torneios e provas mais ou menos informais, sobretudo entre cursos e, por outro, competindo com regularidade em campeonatos nacionais universitários (em que participavam equipas de escolas superiores de Moçambique, Angola e Portugal); e, paralelamente, em provas exteriores à universidade, organizadas pelas associações e federações moçambicanas das diversas modalidades, o chamado desporto federado.

Atletas de estudantes universitários moçambicanos chegaram a integrar a selecção portuguesa nos Jogos Mundiais Universitários, em Itália. No atletismo, atletas da AAM chegaram a integrar representações de Portugal.

Para estes autores, o desporto constituía uma estratégia para a mobilização de estudantes para actividades académicas. Era muito forte esta ligação e estes praticavam, basicamente, o futebol, basquetebol, andebol, voleibol, ténis de mesa e badminton, que eram, na altura, as mais populares e, por essa via, a sua mobilização para múltiplas actividades, tais como convívios e actividades culturais (palestras, cinema, teatro) e actividades recreativas (excursões, bailes, etc).

Desses primeiros tempos, há também registos de disputados campeonatos de futebol de salão, entre as diferentes faculdades, envolvendo já uma grande percentagem de estudantes e, também, a definição de uma certa visão conservadora do associativismo estudantil, sobretudo com a chegada a Moçambique de estudantes idos de Coimbra e muito próximos ao Reitor Veiga Simão. Para esta visão conservadora, o associativismo resumia-se em “farras e futebol” e, sobretudo, nada de política, mas que foi paulatinamente ultrapassada nos tempos da Universidade de Lourenço Marques a vincular o movimento associativo às actividades pedagógicas, culturais e sociais, reivindicação da autonomia universitária e o direito à informação e lutar por esses objectivos.

Portanto, estes autores identificam três aspectos da prática desportiva a oferecer ao estudante universitário – formação desportiva, educação física e competição

desportiva. Nas actividades de formação desportiva, residirá o novo desporto universitário. Será nesta dimensão que o estudante encontrará motivação adequada ao despertar para o desporto-educação, para o desporto-compensação, para o desporto-lazer e, na sua evolução, para um desporto de alta competição e caberá às associações desportivas universitárias a participação na alta competição e competir no desporto federado.

O texto em referência estabelecia a diferença entre o desporto universitário e o desporto federado, em que o autor defendia que “se quisermos que o estudante universitário se interesse pelo desporto, pelas práticas gimnodesportivas, é indispensável que, antes de mais, o estudante nelas reconheça um significado decisivo na formação da sua personalidade e na valorização do seu eu social” (PEREIRA e GONZALEZ, 2016, O DIÁLOGO, 1971, p. 8).

Adicionalmente, o Professor Teotónio Lima destacava três aspectos da prática desportiva a oferecer ao estudante do ensino superior, designadamente (i) formação desportiva, (ii) educação física e (iii) competição desportiva, e definia um quadro teórico para o desporto universitário em Moçambique, segundo o qual “nas actividades de formação desportiva residia o desporto universitário. Seria nesse tipo de actividades que o estudante encontraria motivação adequada ao despertar para o desporto-educação, para o desporto-compensação, para o desporto-lazer e, na sua evolução, para o desporto de alta competição. Às associações desportivas universitárias, ficaria aberta a participação na alta competição e, por intermédio das suas secções, deviam ter oportunidade de competir no desporto federado”.

Como se pode depreender a partir deste texto, já nessa altura, a política desportiva da AAM não promovia o desporto universitário tão-somente, como também estabelecia uma aliança entre a teoria e prática na sua estrutura organizacional. Foi nesta base em que as competições no contexto universitário evoluíram ao longo do tempo. Pode-se, por isso, aferir que o desporto na universidade constitui um factor fundamental como base de uma formação identitária, e elemento de projecção da universidade na sociedade.

Além desta dimensão, a organização e a promoção das práticas desportivas na Universidade Eduardo Mondlane devem estar assentes em políticas desportivas consistentes que, por seu turno, exigem estruturação da actividade, mobilização de recursos e cooperação entre todos os agentes desportivos nacionais e estrangeiros.

2. A dimensão cultural na Universidade

2.1. O lugar da cultura e arte nos Estudos Gerais Universitários

Dos Estudos Gerais Universitários no período colonial, nasceu a Universidade Eduardo Mondlane, depois de 1975, ano em que foi proclamada a independência de Moçambique. O exercício reflexivo sobre a dimensão da cultura na actual UEM exige, por razões históricas, o chamamento da memória dessa universidade do passado, para enquadrá-la na memória do presente, no qual se pretende resgatar o seu contributo no desenvolvimento das artes e cultura na universidade de hoje. Afinal, os mesmos sonhos e emoções que ditaram a sua existência, permanecem presentes na actualidade, mas com outros olhos, outras vivências e outras lógicas, que procuram sedimentar as identidades do passado com as identidades do presente, mais ou menos na lógica do terceiro espaço sugerido por Hommi Bhabha, no seu trabalho intitulado o lugar da cultura (1994).

Então, como se expressou essa cultura nos Estudos Gerais Universitários? Em primeiro lugar, sem respeitar uma ordem hierárquica, interessa registar que as artes e cultura estiveram presentes através das mais variadas modalidades ou disciplinas artísticas, como foi o caso dos concursos universitários de cinema e fotografia, cursos de língua alemã, expedições arqueológicas na estação paleontológica da Matola-Rio, sob orientação do Eng^o. Lerenó Barradas. As actividades culturais privilegiaram, também, a música erudita, na forma de coro de câmara, embora com um número reduzido de integrantes. Foram produzidos ciclos de conferências e curso de história da música, como forma de incentivar o gosto pela música, numa acção dinamizada pelo Centro de estudos humanísticos.

O teatro esteve presente por via do GETAM, Grupo de Teatro da Associação Académica de Moçambique (BOLETIM dos estudos gerais universitários de Moçambique, n.º 2, Ano 1).

Noutros contextos universitários ou académicos, se assim preferirmos, a cultura está instalada não só de forma transversal, mas como um domínio científico dentro do qual se produz conhecimento e reflexões sobre vários fenómenos que caracterizam as relações humanas nos vários domínios. Além do mais, ela é assumida como uma prática de convivalidade entre os diversos saberes, que quebra preconceitos no seio da academia e dos diferentes campos de produção de ciência. Portanto, é notável a tendência, cada vez

maior, do diálogo entre as ciências nas instituições académicas. É esse pressuposto que norteia a práxis da nossa academia, que se expressa pelo empréstimo de saberes e olhares sobre as questões que nos preocupam enquanto seres pensantes.

De modo que, a dimensão da cultura nas universidades, em particular na UEM, deve consubstanciar-se no entendimento da importância deste sector na formação integral do indivíduo, o que compreende, igualmente, a necessidade de as instituições académicas partilharem responsabilidades com outras entidades públicas e privadas, no que tange à promoção da cultura, seja por via de acções espontâneas de manifestação artística, seja através da realização de tarefas de gestão cultural devidamente planificadas.

2.2. A cultura na actual Universidade

A cultura é, na actualidade, um pilar estratégico na dinamização do ambiente universitário e das comunidades envolventes, através de actividades de extensão, o que pressupõe investimento que favoreça a circulação e fruição de produtos e bens culturais simbólicos de modo mais acessíveis. Aliás, este foi sempre o papel das universidades, apesar de que na actualidade este papel enfrenta desafios que requerem que toda a comunidade universidade esteja preparada para os enfrentar.

No seu conjunto, as acções de extensão desenvolvidas pelas universidades, ganham destaque, mormente àquelas relacionadas com o desenvolvimento de actividades artístico-culturais, visto que elas inscrevem em si elementos de simbolismos, identidade e tradição que conecta as pessoas. A criação das pró-reitorias visa, justamente, dar destaque ao lugar central da cultura não só como prática, forma de estar e ser na academia, mas, também, como um campo onde as representações simbólicas, identitárias dos indivíduos sejam ali democratizadas, numa perspectiva pluritópica, daí a criação de unidades, nas universidades, viradas para a dinamização do sector cultural no seu verdadeiro sentido.

2.3. A transversalidade da cultura nas acções estratégicas da UEM

A UEM, enquanto instituição académica, portanto, de cultura, reconhece a importância deste sector na construção da identidade nacional, da moçambicanidade. Reconhece, igualmente, o seu papel preponderante na promoção da cultura do País, através dos seus pilares, ensino, investigação e extensão universitária. O próprio facto de ter Eduardo

Mondlane como seu patrono, evidencia uma necessidade de afirmação cultural e identitária que, de forma inequívoca, se expressa pela unificação territorial, que conecta todos os moçambicanos do Zumbo ao Índico e do Rovuma ao Maputo, independentemente das suas mais várias crenças, numa síntese e equaciona, de forma equilibrada, a dialéctica identidade/diversidade. Portanto, ao ostentar este nome, a universidade carrega consigo todo o simbolismo de promoção da identidade e da unicidade dos moçambicanos. Neste entendimento, a UEM é, *per se*, uma instituição de cultura.

Em 2018, entrou em vigor o Plano Estratégico 2018-2028. Neste instrumento orientador, que contém as metas a serem alcançadas num marco temporal de dez anos, está clara a visão da instituição, em relação às acções que deverão ser desencadeadas, a todos os níveis, para fortalecer o sector da cultura. Inserida no eixo dos assuntos transversais, tal como os aspectos relativos ao género, ao desporto, ao meio ambiente, à ética, à cidadania e à saúde, propõe-se que ela esteja presente no quotidiano da vida académica da UEM. Existe, desta feita, um propósito compartilhado pela comunidade académica, visando a que temas relacionados à cultura sejam incorporados no ensino, na investigação e na extensão universitária. Para isso, está explícito no Plano Estratégico a necessidade de criação de um ambiente académico que propicie a investigação e a promoção da cultura.

Não quer dizer com isso que a Universidade esteja a fazer pouco. A UEM tem desempenhado um papel activo na promoção da arte e cultura. O campus Principal, o Centro Cultural Universitários (CCU) têm sido palco de realização de grandes eventos artístico-culturais, com actuações de renomados artistas nacionais e estrangeiros. Os museus, arquivos e bibliotecas, também são espaços importantes de celebração das artes e cultura no País, cujas atividades mostram o comprometimento da UEM com a cultura, uma vez disponíveis para todos os públicos interessados, aí sim, estabelecendo um importante papel que é o da inserção da academia na comunidade. Além dos aspectos referidos, profissionais da UEM, do sector da arte e cultura têm sido solicitados para eventos diversos. Entretanto, reconhecemos ser necessário reforçar a promoção cultural da universidade e a comunicação com a comunidade universitária e com sociedade, em geral.

A valorização do património cultural do País, no âmbito académico, passa, necessariamente, pelo ensino, investigação e aplicação dos resultados desses estudos em acções orientadas para o desenvolvimento das comunidades locais. Passa, outrossim, por acções que proporcionem maior visibilidade à arte e cultura do País, atraindo turistas e investimento para alavancar a economia moçambicana, através das chamadas indústrias culturais e criativas.

Como forma de concretizar este desiderato, a UEM criou, pela Deliberação n.º 14/CUN/2002, a Escola de Comunicação e Artes e, através do Despacho n.º 125/RT/07, a Direcção da Cultura. Através destas duas unidades orgânicas, ampliaram-se as acções de promoção da cultura, proporcionando maior visibilidade à instituição. Neste novo cenário, ficou fácil a percepção da responsabilidade que a UEM tem para com a sociedade, ao devolver a ela própria, produtos e serviços artístico-culturais diferenciados.

2.4. Direcção de Cultura

Criada em 2007, através do Despacho n.º 125/RT/07, a Direcção da Cultura promove a identificação, conservação, o estudo e a divulgação dos recursos culturais da UEM, incluindo o conjunto de bens relacionados com legado histórico, artístico ou científico, resultante da sua actividade. Tem a seu cargo a gestão da Fortaleza de Maputo e o Museu Nacional da Moeda, dois bens cultural e patrimoniais que carregam um simbolismo histórico e transcultural multifacetado que, conjugado com a Galeria de Arte situado na Reitoria Central da UEM, a nosso ver, são um espaço de valorização da contemporaneidade das expressões artísticas transculturais, caracterizando a universalidade do próprio conceito de universidade.

A Direcção de Cultura da UEM, que gere e divulga a colecção de arte desta instituição, também tem a seu cargo o Coral da UEM e, desde 2012, o projecto constituiu uma orquestra, banda de música com estudantes, grupo de teatro, e produziu e apresentou uma ópera sobre o Massacre de Mueda e a peça Muwango Mwaga, dignas de destaque no quadro da presença cultural da UEM.

Desenvolve actividades culturais junto às comunidades académica e científica, promovendo o gosto e incentivando a participação em diferentes áreas da criação artística e de fruição do património cultural/natural. Aconselha, dinamiza e apoia a criação de pólos culturais e a realização de actividades de carácter cultural nas

faculdades, escolas e outras unidades orgânicas da UEM. Oferece actividades extracurriculares no domínio da música e do teatro.

A Direcção da Cultura da UEM procura dar continuidade aos grandes objectivos da política cultural da UEM e Governo, interpretando-os e traduzindo-os, no quadro das suas competências, desenvolvendo parcerias adequadas com outros organismos desconcentrados, com as Escolas, Institutos e Universidades, através da celebração de acordos ou protocolos de cooperação.

2.5. Escola de Comunicação e Artes

A criação da Escola de Comunicação e Artes-UEM insere-se no âmbito da operacionalização do Plano Estratégico da UEM 1999-2003, que recomendava, no seu Objectivo Estratégico 6, – Aumentar o número de ingressos e, no seu ponto 7, orientava para “Desencadear o processo de introdução de novos cursos universitários em outras áreas do conhecimento”.

Aquando da abertura da Escola de Comunicação e Artes-UEM, a formação superior no domínio das artes em Moçambique, em 2004, era privilégio para alguns que tinham condições para tal, quando fosse por outra via, era através de bolsas de estudo oferecidas pelo Estado, a partir de acordos de cooperação com os países parceiros de Moçambique. Em 2006, com a introdução dos cursos de licenciatura em Música e Teatro (em 2006 e 2007, respectivamente), a UEM transformou o sector da cultura no seio meio, num sector de destaque País, na medida em que abriu possibilidades para que cidadãos nacionais, assim como profissionais das áreas das artes pudessem prosseguir os seus estudos e requalificar as suas formações académicas, certificar as suas competências profissionais, tornando-se, assim, a UEM, na primeira instituição pública a oferecer formação no domínio das artes.

Hoje, passados mais de 15 anos depois da criação da ECA, a UEM e o Estado moçambicano usufruem do resultado deste projecto, que veio acrescentar valor em vários sectores, como é o caso da educação, através da formação de professores para ensino de música no sistema nacional de educação, potenciar ministério da cultura com pessoal qualificado, serviços municipais e, inclusivamente, nos distritos espalhados pelo País, num contexto em que o sector da cultura tem sido exposto a novos paradigmas, no

quadro da redefinição das linhas de desenvolvimento centrado nas chamadas indústrias criativas e culturais.

Além de fornecer quadros no sector privado, a ECA desenvolve serviços de extensão universitária, através da plataforma Comunicação, Arte e Sociedade. As artes e cultura produzidas na UEM passaram a transpor o espaço da universidade com novas propostas de serviços e produtos artístico-culturais, abrindo espaço para a exploração de iniciativas inovadoras de empreendedorismo, ligando a Universidade e a sociedade, através de eventos artísticos em vários espaços e equipamentos culturais da cidade, sejam eles públicos ou privados.

Portanto, falar de cultura enquanto praxis humana, implica elencar também o conceito de identidade, dois conceitos trabalhados por Bhabha (1994) citado por Sardo (2013). O autor sugere-nos a análise daquilo que faz parte da cultura por inclusão e do que não faz parte dela por exclusão. Para a etnomusicóloga Susana Sardo, este modo de analisar perde sentido quando nos damos conta de que existem territórios espaciais e temporais nos quais as culturas se encontram, sem perderem o seu significado. Dito de outro modo, criam-se zonas híbridas, transculturais, transnacionais e trastemparias que definem um terceiro espaço (SARDO, 2013).

Sardo propõe-nos a ideia de terceiro espaço a partir das sugestões de Bhabha. Segundo a autora, este não se baseia no multiculturalismo ou na diversidade cultural, mas na inscrição e na articulação da hibridez das culturas, ou seja, na existência de uma cultura “internacional”. Portanto, o terceiro espaço é uma condição para a articulação da diferença cultural. Aquilo que não é negociável interculturalmente, mas que é dialogante. O terceiro espaço não é representável ele próprio; ele constitui as condições discursivas de enunciação que asseguram que o significado e os símbolos da cultura não são fixos nem unitários e que os mesmos sinais podem ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de novo. É aqui onde o sentido de cultura se constrói e, nesse sentido, se localiza (BHABHA, 1994 citado por SARDO, 2013, p. 68). Este foi a súpula do que procuramos inserir a dimensão da cultura que a UEM tem vindo a sedimentar ao longo da sua existência.

Importante sublinhar que, a Universidade Eduardo Mondlane, possui um Centro Cultural Universitário, recinto que, para além de receber eventos culturais internos à UEM, tem estado a realizar eventos culturais nacionais e internacionais, incluindo

concertos musicais (Cerimónias de Premiação do Ngoma Moçambique, *Mozambique Music Awards*, Galas Musicais, entre muitos outros eventos culturais e artísticos).

Tal como foi referido acima, a UEM é herdeira dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique (EGUM) e, mais tarde, da Universidade de Lourenço Marques (ULM) e, por isso, guardiã de histórias e memórias relacionadas com a prática da cultura, nos seus diferentes domínios, desde os primeiros anos da sua existência. A actividade cultural, praticada por um considerável número de pessoas, docentes, estudantes, alguns ainda hoje vivendo e trabalhando em Moçambique, começou “a surgir muito cedo através de iniciativas como a Rádio Universidade ou o Teatro amador” (MATOS, 2016). Estas iniciativas, patrocinadas ou encorajadas por decisões do Reitor, diferentes órgãos, pessoal docente, profissionais locais, com experiências anteriores, principalmente na Universidade de Coimbra, foram rapidamente abraçadas e desenvolvidas pelos estudantes, em particular pelos associados ou pelos estudantes mais próximos da Associação Académica de Moçambique (AAM), entre 1964-1975, através das suas secções. Nas *Semanas Universitárias* e nas *Noites Culturais*, apresentava-se teatro, música, canto, poesia. Vivia-se um tempo em que a universidade, cuja criação fora desejo de todos, servia apenas uma minoria oriunda da sociedade colonial, uma sociedade complexa, socialmente hierarquizada e culturalmente diversa. Com o passar dos anos, esta actividade da universidade, que acontecia num contexto de mudança, de afirmação nacionalista e de reivindicação independentista, procurou localizar-se e, gradualmente, relacionar-se com a realidade africana onde se inseria. Não sem tensão e conflito. Na história da AAM, publicada em 2016, são muitas as referências às iniciativas culturais, para além da Rádio, o Cinema, o incentivo à leitura e à difusão cultural, a partir da Biblioteca, Teatro, Fotografia, Música, Orfeão e a Tuna, muitas vezes em articulação com associações culturais da cidade, como foi o caso do Círculo de Cinema 66 da AAM e o Cine-Clube de Lourenço Marques (CCLM). Foi, também, o caso do Teatro, em que ontem, tal como hoje, esta expressão artística interessou os estudantes. O livro *Vozes da Representação: Memórias do Teatro Moçambicano (1965-2016)*, também recentemente saído a público (JOSÉ, 2020), refere, através de numerosas entrevistas, parte do caminho percorrido pelo teatro, caminho esse também feito pelo Teatro dos Estudantes Universitários de Moçambique (TEUM). Para além do TEUM, fundado em 1965, por ocasião da comemoração do Centenário de Gil Vicente (1465-1536), um clássico do teatro português,

por convite da Comissão Nacional, e com o apoio do Reitor Veiga Simão, existiu o GETAM (Grupo Experimental de Teatro da AAM) ou GRUCA (Grupo Cénico da AAM), que se apresentou em diversas ocasiões da vida da Universidade até se considerar que a existência de apenas um grupo, o TEUM, servia melhor o teatro. Ambos chegaram a apresentar-se no então Cine Teatro Nacional ou apenas Teatro Nacional, inaugurado em 1968, depois Cinema dos Continuadores e hoje Centro Cultural da UEM e em outros espaços. Fazemos parte do grupo de estudantes que, nesses anos, passou a entender melhor o tempo em que vivia, a ver cinema com outros olhos e que ‘descobriu’ o teatro como espectadores. Está, ainda, por se fazer a história do TEUM, as suas relações com o Teatro de Amadores de Lourenço Marques (TALM), a sua contribuição estética e técnica para o desenvolvimento do teatro. O meio cultural da cidade era pequeno e o teatro tinha um público restrito, mas o interesse de alguns em fazê-lo e divulgá-lo era grande. A partir de 1969, a colaboração entre os grupos existentes intensificou-se. Encenadores, actores e público interessado procuravam divulgar, criar público e reflectir sobre o teatro que se fazia. A actividade do TEUM, apoiada pela Universidade/Reitoria e, também, pela Fundação Gulbenkian, contou com encenadores profissionais como Carlos Cabral, Mário Barradas, Fernando Gusmão e Carmen Gonzalez. Na ausência destes actores mais experientes encenaram e/ou assumiram a direcção artística: José Peixoto, Henrique Guedes Pinto e Ricardo Barradas. Instalações próprias, para ensaiar e montar os espetáculos, chegaram a ser prometidas no campus universitário em construção, mas não se concretizaram.

A reflexão sobre o teatro que se fazia conduziu, igualmente, à aproximação com o grupo de teatro do Centro Social dos Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM). O TEUM, em 1971, informava os estudantes que o único grupo que fazia teatro africano ia apresentar um espetáculo dedicado aos estudantes (haveria um tradutor, pois seria utilizada uma língua africana) e chamava a atenção para a importância da participação de todos, actores e demais interessados. Merece, ainda, referência uma outra experiência de trabalho conjunto, a que se realizou a partir do trabalho de Lindo Lhongo e do seu grupo teatral, feita com o encenador Norberto Barroca, um arquitecto com experiência de teatro universitário, que viveu algum tempo na cidade, e que conduziu à apresentação de *Os Noivos ou Conversa Dramática sobre o Lobolo*. O pequeno meio cultural onde a Universidade se integrava conheceu, nestes anos, projectos novos. As secções e Centros da AAM foram também participantes activos.

A 1 de Abril de 1974, o jornal *Notícias* noticiava a estreia da peça teatral ronga *As Trinta Mulheres de Muzeleni* de Lindo Lhongo e Samuel Dabula. Participavam vinte actores e setenta figurantes. Malangatana era já um artista reconhecido e foi o autor dos cenários. Albino Magaia escreveu na revista *Tempo* a propósito desta peça e do que considerava ser o impasse cultural da pequena burguesia (*Tempo*, n.º 188, 21 de Abril de 1974, p.25-28). O ano de 1974 ficaria na história como um ano de grandes mudanças para Moçambique e para a sua universidade que crescera em muitas frentes e, também, na cultura. No Cine Teatro Nacional, estavam agendados, nesse mesmo ano, concertos do Coro e Orquestra de Câmara da Universidade de Lourenço Marques.

2.6. Recomeçar de Novo: “a classe trabalhadora deve conquistar e exercer o poder na frente da ciência e da cultura” (SAMORA MACHEL, 1976)¹

A partir da proclamação da independência (1975), a Universidade, que até aí se vinha ajustando às muitas mudanças dos últimos anos do fim do Império, iniciava uma nova fase da sua história com responsabilidades acrescidas, “fazendo a ruptura com uma Universidade colonial e construindo uma universidade moçambicana com compromisso no desenvolvimento, social, económico e cultural do país” (JOAQUIM CHISSANO, 2001). Chegava o tempo tão desejado de uma Universidade para Moçambique. Ao passar a designar-se Universidade Eduardo Mondlane, a 1 de Maio de 1976, a “Universidade vem ao povo, não para o servir como entidade exterior, mas nele profunda e definitivamente se enraizar” (SAMORA MACHEL, 1976). Assim, combater o desenraizamento cultural e os valores da sociedade burguesa, inserir-se no processo revolucionário que Moçambique vivia, era a missão da Universidade a partir daí. O seu Reitor, nomeado em Dezembro de 1974, já no contexto do Governo de Transição e por despacho do então Ministro da Justiça Rui Baltazar, era Fernando Ganhão (1937-2008). Historiador e militante da Frelimo desde o início da década de 60, era um homem de cultura. Tinha estudado em Portugal, frequentara a Casa dos Estudantes do Império (CEI) e aí, segundo palavras suas, desabrochava o seu interesse pela literatura, pelos problemas políticos e ensaiara as primeiras tentativas na área da poesia. Para além da participação em antologias e jornais, dirigira um ciclo de teatro, chegara mesmo a frequentar o curso de teatro no Conservatório Nacional, antes de partir para o exílio em 1962 e a sua vida tomar novos rumos. A sua formação política e humanista fez-se sentir na maneira como exerceu o cargo que passou a assumir na Universidade e enfrentou os múltiplos desafios que se lhe

colocaram. Acredito que se deva a ele, e, talvez, ao artista Malangatana, a escolha do escultor José Lobo Fernandes, desde há muito activo no meio artístico local, para esculpir o busto de Eduardo Mondlane, presente na cerimónia de atribuição do seu nome à Universidade. Esse busto, hoje na Sala Magna, é uma das obras de arte que integra a colecção da Universidade que, a partir daí, se foi constituindo e se divulga através de um catálogo e de uma exposição que se renova temporariamente.

Muitas das acções realizadas nesses primeiros anos, a partir de 1975, as AJs/actividades de Julho nas fábricas e nas aldeias comunais, os estágios nas unidades de produção, a realização de cursos propedêuticos para estudantes e trabalhadores, os cursos de formação de professores para o ensino secundário, a reforma curricular, a reestruturação interna, entre outras, fizeram parte do grande desafio de inserir a universidade no projecto nacional em curso, de estabelecer uma estreita colaboração entre a UEM e todos os serviços públicos e privados, de procurar a ligação da teoria à prática, de fortalecer e aperfeiçoar a formação.

A história da contribuição da universidade na formação de professores que, de certa maneira, sempre fizera parte de si desde os seus primeiros cursos como foi o caso do curso de Ciências Pedagógicas,² está, também, ainda por fazer. A redução drástica de alunos na universidade, a partir de 1976, o encerramento da 10^a e 11^a classes, a partir de 1977, obrigaram a UEM a reorientar-se e a ajustar-se. As estruturas criadas, o curso de Ciências da Educação, os cursos de Formação de Professores, a Faculdade de Educação, incluindo um departamento/cursos de formação de professores de Desenho, o seu papel na construção do Sistema Nacional de Educação (SNE), até à abertura do Instituto Superior Pedagógico, hoje Universidade Pedagógica, fazem parte desta história em que participaram, também, professores, investigadores e estudantes oriundos de muitas geografias e solidários com Moçambique independente.

Neste processo, a UEM, através do seu Reitor, das Faculdades, por iniciativa de docentes e estudantes, Centros, o recém-criado Centro de Estudos Africanos (CEA), o Centro de Estudos de Comunicação (CEC), o Centro de Técnicas Básicas para o Aproveitamento dos Recursos Naturais (TBARN), entre outros projectos, deu o seu contributo em múltiplas actividades da frente cultural considerada como essencial para a libertação da criatividade popular. Vale a pena mencionar, aqui, a participação do Grupo Cultural da UEM, competindo com grupos culturais de diversas empresas, no 1^o Festival

Nacional de Dança Popular, em 1978, e a peça de teatro *A Comuna*, construída, em conjunto, por estudantes da UEM e por trabalhadores dos CFM, a partir de uma ideia nascida numa aula do curso de História, em 1977. Divulgar a história da Comuna de Paris em Moçambique, relacionar a luta do povo moçambicano com a luta de outros povos, através do teatro feito por estudantes e operários, foi o objectivo do projecto. A peça não chegou, por diversas razões, a ser levada à cena, mas o texto existe, foi publicado em 1979, e espera encenadores que com ela queiram dialogar e trabalhar.

Alguns dos integrantes do TEUM, já formados e a trabalhar, participaram, a partir de 1974 e, ao que sabemos, talvez até 1977, com o Grupo Cénico das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM)³ e outros amadores locais, em peças que se apresentaram nos Festejos da Independência e em diversas ocasiões. A UEM, neste novo contexto, e com um número reduzido de estudantes, continuou a incentivar a prática do teatro. Em 1981, um Grupo Cénico apresentou a *Terra Treme*, o poema de Kalungano (Marcelino dos Santos). Iniciativa de estudantes ou de estudantes e docentes? Não sabemos, mas outras iniciativas do género voltaram a acontecer. A extensão cultural estava, claramente, expressa nas linhas fundamentais do desenvolvimento da UEM, na década 1981/1990 (II Reunião Geral, Novembro, 1982). Em 1982, quando se constituiu a Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) abriu-se uma outra importante frente. O Reitor Fernando Ganhão, envolvido no processo constitutivo, entendia que cabia aos “mais alfabetizados de um País de analfabetos” e à associação uma enorme responsabilidade: dar conta das conquistas do Povo Moçambicano, não esquecer a riqueza linguística do País, a par da Língua Portuguesa, participar no processo de Alfabetização e Educação de Adultos, escrevendo textos simples e claros e ter em conta que mais de 50% dos moçambicanos tinha menos de 18 anos e era preciso escrever para eles (*Escrever é Criar*, AEMO, s/d.).⁴ A Universidade envolveu-se nesta e em muitas outras frentes. Desde 1980, leccionava-se (sob a orientação de Fátima Mendonça), pela primeira vez, a disciplina de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa na UEM o que, para além de ter conduzido a diversas experiências pedagógicas, suscitou e aumentou o interesse pela criação literária entre os estudantes e conduziu a várias iniciativas, como concursos literários e mesmo a produção de revistas como a *ECO Revista de Literatura e Cultura da UEM*, em 1987.⁵ Coordenava a revista Helder Muteia, então estudante de Veterinária, e podia notar-se uma estreita articulação com a AEMO. Numa das suas várias rubricas, divulgava-se o que Rui Baltazar, o Reitor que sucedera a Fernando Ganhão em 1986,

também ele um homem interessado pela cultura, escrevera e apresentara na Associação dos Naturais de Moçambique sobre *A Poesia de José Craveirinha*, corria o ano de 1963. Assumira o cargo num momento muito difícil do ponto de vista económico e político e a UEM ressentia-se desse contexto. Apesar disso, a Universidade dava já sinais de crescimento “em termos de estudantes e de docentes qualificados” (BALTAZAR, 2012).

A Universidade, ao fazer a ruptura com o seu passado colonial, recebeu como tarefa “mergulhar as suas raízes na realidade nacional, procedendo, de forma sistemática e organizada, à investigação e recolha do nosso património histórico, cultural, artístico, científico e técnico” (MACHEL, 1976), mas não voltou as costas ao passado. Porque era preciso “conservar [...] como fonte de inspiração e ensinamento para as gerações vindouras, todos os vestígios históricos da criatividade e luta do povo moçambicano, assim como os da presença estrangeira em Moçambique.” (Resolução n.º 4/79 da Comissão Permanente da Assembleia Popular, 3 de Maio). Foi por isso que recebeu e integrou, na sua estrutura, diversas instituições de natureza científica e cultural, já existentes, que puderam continuar a desenvolver-se ou que deram origem a novas instituições e à preocupação da Universidade com a sua própria memória. São de referir: museus e colecções de apoio ao ensino e investigação, os chamados museus universitários, localizados em diversos departamentos das faculdades ou museus da rede nacional por si administrados como, por exemplo, o Museu de História Natural (o ex-Museu Dr. Álvaro de Castro). Este museu centenário era, até 1975, gerido pelo Instituto de Investigação Científica de Moçambique (IICM) e passava, na época, por uma fase de remodelação e modernização das suas exposições que se estendia ao jardim e demais espaços exteriores. Inspirado pelo que acontecia e no contexto da reabertura ao público, em 1977, o artista Malangatana, um amigo do museu, ofereceu-se para executar o mural de grandes dimensões (20m x 6m) *O Homem e a Natureza* (1977-79), ainda hoje existente e, recentemente, objecto de uma intervenção de conservação e restauro. Este e outros murais, de Malangatana e de outros artistas, localizados em diferentes unidades, integram o catálogo da colecção de arte da UEM (2020).

São, também, destes primeiros anos, iniciativas e projectos como o *Jardim Botânico*, localizado no Campus Principal, desenvolvido a partir de 1976 e integrando numerosas espécies de diferentes famílias de plantas de Moçambique e as pesquisas arqueológicas realizadas por arqueólogos do Departamento de Arqueologia e

Antropologia (DAA) e arqueólogos da Suécia, em diversos pontos do País, pesquisaram essas que conduziram, em colaboração com o Serviço Nacional de Museus e Antiguidades (SNMA), ao *Museu Arqueológico de Manyikeni*, em 1979, e na década seguinte, apesar das difíceis condições do País, a diversas publicações. Os resultados das escavações realizadas no campus da universidade, entre 1984-85, estão, também, publicados. Este trabalho de pesquisa permitiu revelar, de forma objectiva, aspectos desconhecidos da História mais antiga de Moçambique, fundamentando passados distantes anteriores à presença e colonização portuguesa.

Escusado será dizer que, a UEM, na época sob a direcção do Reitor Fernando Ganhão, e em articulação com o Secretário do Departamento do Trabalho Ideológico (D.T.I.) do Partido Frelimo, também participou nos trabalhos de programação que conduziram à criação do *Museu da Revolução*, em 1978. Luís Filipe Pereira, que coordenou e que esteve à frente do projecto visando contar e divulgar a história da luta armada de libertação, apresentou-o, na 1ª Reunião Nacional de Museus e Antiguidades, nesse mesmo ano, na Ilha de Moçambique. O Arquivo Histórico de Moçambique (AHM), integrado na estrutura administrativa universitária, em 1976, conheceu a partir daí, um desenvolvimento considerável, uma vitória, como disse o Reitor, anos mais tarde, em entrevista ao *Embondeiro* (22 a 28 de Junho de 2005, p. 2-5). A UEM herdou, também, o *Museu Histórico-Militar* instalado, desde 1955, na Fortaleza de Nossa Sra. da Conceição, monumento sob gestão do AHM. Para além da manutenção e de diversas intervenções, tendo em vista a sua preservação, um longo processo de transformação visando uma releitura e uma reinterpretação do acervo existente e das novas incorporações e a construção de uma narrativa histórica, integrando as vozes dos seus diferentes actores vem, desde então, acontecendo. Pode dizer-se que a Fortaleza atrai, hoje, graças às suas exposições e demais programação cultural, o interesse de muitos tipos de visitantes, incluindo o público escolar. A partir das colecções especiais existentes no AHM, neste caso a colecção de moedas e medalhas, nasceu o *Museu Nacional da Moeda*, em 1981. Instalado na Casa Amarela, uma das primeiras habitações (século XIX) da povoação que deu origem à cidade, abriu ao público em 1981, no primeiro aniversário da criação da moeda de Moçambique, o Metical. A UEM participava assim, mais uma vez, na materialização de acções associadas a importantes momentos históricos vividos no País.

Mesmo nos momentos difíceis que atravessou, a Universidade manteve e foi desenvolvendo estas instituições, que iam acompanhando o seu crescimento, quer na reabertura de cursos e faculdades, quer na abertura de novas áreas do conhecimento. Foi, por exemplo, o caso da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico (FAPF) que, desde a sua criação, tem prestado um contributo significativo para a formação, estudo e preservação do património cultural imóvel e, em particular, do património edificado do País. O mesmo têm feito outras Faculdades, Departamentos, Escolas e Centros de Investigação, através de assessoria, de projectos académicos e da participação de docentes, investigadores e estudantes.

Em 1990, foi nomeado Reitor, Narciso Matos. Antigo estudante da ULM, fora docente e Director da Faculdade de Ciências da UEM e tivera diferentes responsabilidades no Partido Frelimo. A sua missão não foi fácil, mas muitos passos importantes foram dados na formação, no desenvolvimento de infra-estruturas, na cooperação universitária, na procura de estabilização da UEM. A existência de um maior número de estudantes abriu espaço à possibilidade da criação de uma Associação de Estudantes e do seu envolvimento na prática das artes, da cultura e do desporto com a participação da UEM na criação dos meios necessários (*Perspectivas de Evolução da UEM*, 1990). Gradualmente, diversas acções foram acontecendo nesta direcção, respondendo ao que ia acontecendo, ao mesmo tempo, na sociedade. Em 1992, no âmbito das comemorações dos 30 Anos da Universidade, realizou-se uma exposição colectiva que reuniu, a convite da UEM, no recém-criado Centro de Estudos Brasileiros (CEB), um considerável número de artistas então activos no meio cultural local. Algumas obras de arte incorporadas na colecção de arte foram adquiridas pela Universidade ou a ela doadas, ainda não o sabemos, a partir desta mostra. Outras iniciativas incentivaram, nos anos seguintes, “encontros felizes entre a arte, a ciência e a cultura” como disse o Reitor Narciso Matos (*Catálogo da Colectiva*, 1992). Obrigatório é referir o *workshop* de artistas plásticos realizado por ocasião do V Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, que teve lugar em Maputo, no ano de 1998. A partir dele, a UEM iniciou, de facto, a sua colecção de arte. Para além das obras de arte reunidas, foi pintado um mural pelos artistas Bento Mukeswane (1965-1999) e Ciro Pereira (n.1957) no Campus Principal, na mesma data, mural este a que se seguiu, no pátio interior do Centro de Estudos Africanos (CEA), a pintura de outro mural, em 1999, pelo artista Malangatana. Ambos foram, recentemente, objecto de intervenções de conservação e restauro.

Era Reitor, desde 1995, o Prof. Doutor Brazão Mazula. Chegara à UEM na sequência da paz e do multipartidarismo e a Universidade “não era nenhuma ilha. Estava dentro desta conjuntura difícil”. Consolidar o que havia sido feito, expandir e repensar a UEM para dar respostas ao novo período histórico que o País vivia, desenvolver a cooperação internacional foram as prioridades definidas. Foi neste contexto de crescimento e “tendo em conta a vocação da Universidade como centro de ensino, investigação, cultura e debate de ideias” (Boletim Informativo da UEM/BIUEM, nº 10, Novembro/Dezembro de 1998), que o ex-Cinema dos Continuadores foi entregue à Universidade, tendo esta recebido os direitos de uso do local. No ano seguinte, após obras de reabilitação necessárias, foi aí que, em 23 de Agosto, se realizou, no que é actualmente o Centro Cultural Universitário, a cerimónia solene de abertura do ano académico. Na ocasião, apresentou-se ao público o Coral da UEM, na época dirigido pelo Maestro Faustino Chirute, e o bailado *A Fogueira* (BIUEM, 1999).

Foi também neste contexto, que se abriram novos cursos, que se preparou a introdução do ensino superior artístico, uma enorme lacuna no País, e foi criada a Escola de Comunicação e Artes (ECA). Tratou-se da primeira instituição a oferecer formação superior em domínios da criação artística. Por se considerar importante ter uma unidade para fazer a coordenação e o desenvolvimento da Cultura e do Desporto na UEM, nasceu, pouco depois, a Direcção de Cultura e Desporto. Trazer de volta a vida académica à Universidade, estimular a formação integral dos estudantes, incentivar a criação artístico-cultural junto da comunidade académica, eram objectivos a atingir. Aconteceram, nestes anos, importantes acções envolvendo a Universidade, os seus estudantes e diversos parceiros nacionais e internacionais. São de mencionar, entre outras, a criação da Banda da UEM, com recurso a estudantes que eram já músicos e que tinham uma prática profissional, a apresentação da ópera *Carmen* (Georges Bizet), em 2002, com o envolvimento de Stella Mendonça, do Majaschoral, da Companhia Nacional de Canto e Dança, de Malangatana, da Universidade de Pretória e de artistas de diversas nacionalidades. Continuar este movimento, enviar pessoas para formação, equipar o Centro Cultural, desenvolver os espaços culturais já existentes, os museus, a Fortaleza, as bibliotecas especializadas era uma condição necessária. Por isso, a *Fortaleza* e o *Museu Nacional da Moeda*, até aí sob gestão do AHM, foram integrados na nova unidade em criação em 1999.

Passavam vinte e cinco anos desde que a Universidade recebera o nome de Eduardo Mondlane, quando, por ocasião da comemoração do Dia Internacional de Museus, o Reitor Brazão Mazula dizia ser a UEM quem, apesar das dificuldades financeiras, geria mais museus no País e que esse facto “significava uma responsabilidade que o Estado e a sociedade dão à Universidade, dadas as suas capacidades para poder preservar os museus” (Domingo, 20 de Maio de 2001, p. 15). Construir, dar forma ao que foi pensado (e sonhado) não foi fácil. O Centro Cultural beneficiou de algum equipamento que, embora insuficiente, permitiu que aí, e em outros locais, se continuassem a realizar diversas actividades envolvendo, em particular, a comunidade estudantil das diversas faculdades. Iniciaram-se actividades extracurriculares, oferecendo classes de instrumento (bateria, guitarra, piano e flauta), ensaios de bandas musicais, do Grupo Coral e do Grupo Teatral, ambos, ainda hoje, existentes. A abertura do curso de música, primeiro, e, mais tarde, do curso de teatro na ECA, trouxeram uma nova dinâmica cultural à Universidade e tornaram maiores os desafios nesta área carente de recursos e de profissionais à altura. A presença do maestro Óscar Castro, professor visitante da Universidade de Buenos Aires, a partir de 2005, contribuiu para consolidar o que já se fazia e deu mais visibilidade à área da música. A Dança também passara a ser oferecida, ainda que nem sempre com regularidade, a partir do Centro Cultural, com a contratação da professora Arminda Reis, com larga experiência e formação no domínio da dança em Moçambique, a partir de 2002, que assumiu, também, parte da programação cultural. Consolidar a formação superior nas áreas da música e do teatro, num contexto em que a educação artística no sistema de ensino é praticamente inexistente, e em que são poucos os recursos da Universidade, tem sido um enorme repto para a instituição.

Em 2007, já era Reitor o Prof. Doutor Filipe Couto, separaram-se as áreas da Cultura e do Desporto. Continuar a crescer, acompanhar o crescimento da Universidade, ajustá-la à realidade do País e do mundo, também ao mundo digital, aproximar a UEM de outras línguas e culturas, são objectivos ainda actuais. Neste período, depois da atribuição do grau de Doutor *Honoris Causa* ao poeta José Craveirinha, em 2002, foram distinguidas, em 2008, com o mesmo grau, outras grandes figuras da Cultura: Ricardo Rangel e Fany M’Pfumo.

Em 2010, o curso de Teatro da ECA apresentou *Lisístrata* de Aristófanes, o primeiro trabalho público criado, produzido e divulgado pelos alunos da licenciatura em

Teatro da UEM. A partir daí, muitas apresentações se seguiram, muitas vezes em parceria com o curso de Música. *Mwango e Mwanga*, a partir da ópera Bastien und Bastienne de W. A. Mozart, recriada e adaptada ao contexto moçambicano sob direcção de Vítor Gonçalves, no encerramento do ano académico 2018, é um exemplo do reconhecimento da cultura como dimensão fundamental do ser humano. É, também, exemplo do que é possível alcançar com o esforço colectivo interno. O curso de música foi, também, responsável, em 2019, pela apresentação da ópera *Grito de Mueda* (a partir do massacre acontecido em Mueda, em 1960), criada por dramaturgos e músicos moçambicanos, com direcção de Óscar Castro.

As artes do palco têm motivado os estudantes da UEM, em geral. O Grupo Teatral, iniciado quase há duas décadas, integrando estudantes de diversas Faculdades, ensaiando e apresentando-se, com regularidade, no Centro Cultural, tem sabido manter-se activo. A existência de um curso de teatro na UEM só pode ser benéfica para este grupo e para a criação e dinamização de outros grupos de teatro. Apesar de algumas limitações, tem sido possível contar com a colaboração de estudantes e professores do curso. Um recém-licenciado em teatro, Fernando Macamo, trabalha, actualmente, com o Grupo Teatral e muito tem contribuído para a sua visibilidade em diversos espaços da Universidade e mesmo da cidade.

Os recursos culturais que a UEM tem ao seu dispor estão ainda longe de contribuir, de forma adequada, para a formação integral dos estudantes, para incentivar a criação artístico-cultural no seio da comunidade académica, para melhorar o intercâmbio com a sociedade em geral, para reforçar o seu desenvolvimento estratégico em articulação com as dimensões académicas do ensino, da investigação e da extensão, numa perspectiva interdisciplinar e transversal. Mas este é um caminho que se está a fazer. A oferta de actividades, já mencionadas, tomando a forma de iniciação artística, de participação em corais ou orquestras, a familiarização com diversas manifestações e formas de expressão das artes e linguagens culturais, a apresentação pública em momentos marcantes da vida da Universidade, a programação dos seus espaços e equipamentos culturais é, ainda, insuficiente, nem sempre regular e, às vezes, pouco articulada. Mas é possível sentir o crescimento e a esperança que a sociedade deposita na função formativa da UEM, a universidade primeira ou, como disse o seu actual Reitor, o Prof. Doutor Orlando Quilambo, “a mãe do ensino superior em Moçambique”.

Por essa razão, a par dos seus objectivos estratégicos como universidade, a história da UEM, o seu património histórico, cultural, artístico e científico, tem merecido atenção. No âmbito da comemoração dos 50 anos do ensino superior em Moçambique, comemorados em 2012, muitas acções de preservação e divulgação desse património foram realizadas. A Direcção de Cultura recebeu, do Reitor Orlando Quilambo, orientações claras sobre a importância do registo e da preservação do património cultural da Universidade. A inauguração do edifício da Reitoria, no campus principal, em 2013, com a presença do Presidente Armando Guebuza, permitiu, para além de dar a conhecer os novos desafios da UEM, mostrar e valorizar parte do património da instituição como, por exemplo, mobiliário antigo, conservado ou mesmo restaurado, e criar um espaço próprio – o espaço galeria – dedicado à colecção de arte, até aí afastada do olhar público, com novas incorporações nos últimos anos e gestão profissional. Dar visibilidade à história da Universidade tem sido, igualmente, um objectivo. A Biblioteca Central Brazão Mazula, através do seu Departamento de Colecções Especiais, é um bom exemplo do que se está a fazer nesse domínio. Tudo começou a partir da oferta feita pela família de Eduardo Mondlane, o patrono da UEM, há muitos anos, à guarda da instituição. Livros da biblioteca pessoal e da família, a toga e outros objectos, a que se acrescentaram móveis e objectos de época, livros, de Mondlane e/ou sobre Mondlane e documentação diversa foram reunidos no *Espaço Eduardo Mondlane* a partir de 2014. É um espaço aberto à consulta. O mesmo acontece com o *Espaço Aquino de Bragança*, aberto em 2016, com a colaboração da sua viúva e do CEA. Outros espaços estão em preparação. Este trabalho de valorização do património da Universidade conduziu à criação de um roteiro, ainda em processo, que desde há alguns anos se vem pondo em prática. O roteiro cultural do campus, de que fazem parte alguns dos espaços já mencionados, tem o objectivo de trazer de volta a história e a memória, de pessoas, de lugares, de edifícios, de acontecimentos, de informar e dar a conhecer para melhor compreender, a instituição que somos.

3. Considerações finais

Este capítulo teve como objectivo analisar os fragmentos mais relevantes da história do desporto e da cultura na UEM e, a partir da memória resgatada por meio dos registos apresentados desde os Estudos Gerais e Universitários de Moçambique, o desporto na UEM é parte indissociável da história da própria Universidade. De facto, o desporto e a cultura na UEM remontam aos primórdios da sua criação, no período colonial, perpassa

por um período de transformação, durante o período da primeira República pós-independência e evolui até aos dias de hoje. No entanto, a dinâmica interna da própria UEM foi marcada por momentos especiais que catapultaram as práticas desportivas e culturais na UEM, nomeadamente a histórica ligação com a Associação Académica de Moçambique, a criação da Direcção de Cultura e Desporto, do Centro de Desenvolvimento de Desporto e Educação Física e da Escola Superior de Ciências do Desporto.

Ainda que o desporto e a cultura na UEM estejam relativamente consolidados, o seu universo impõe maior abrangência em termos de envolvência desportiva e cultural. Um paralelismo entre a ampliação e modernização das instalações desportivas e de eventos culturais afigura-se pertinente para fazer face à demanda da população estudantil e não só.

As iniciativas concretizadas pela UEM através da distinção e homenagem a individualidades que se notabilizaram no campo desportivo, pelo seu impacto e valor que agregam aos esforços de engajamento social da universidade, devem ser promovidas e abranger, também, a dimensão cultural.

Referências

BALTAZAR, R. **Sobre a Poesia de José Craveirinha**. Maputo: AEMO, 2012. (Cadernos de Consulta n.º 7).

BHABHA, H. **The location of culture**. London: Routledge, 1994.

BOTELHO, I. Dimensão da cultura e políticas públicas. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2. 2016.

CHISSANO, J. **Mensagem do Presidente Joaquim Chissano pelos 25 anos da UEM**. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane. 2001.

DIÁLOGO, n.º 12, Maio de 1971, p. 8.

UEM. **Catálogo da Coleção de Arte da UEM**. Maputo: Direcção da Cultura e Imprensa Universitária, 2020.

UEM. **Direcção da Cultura**. Disponível em: <<https://www.uem.mz/index.php/sobre-a-uem/unidades-organicas/administrativas/direccao-de-cultura>>. Acesso em 16 mar. 2021.

ESTUDOS GERAIS UNIVERSITÁRIOS DE MOÇAMBIQUE. **Lourenço Marques**: EGUM, 1964.

GANHÃO, F. **Escritores falam... Mensagem**, 151-152. Lisboa: Associação Casa Estudantes do Império, 1997.

----- . **Socialismo cria melhores condições de vida**. Entrevista ao *Embondeiro*, 22 a 28 de Junho, 2005. P. 2-5.

GRUPO CÉNICO DA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE. **A Terra Treme**. Maputo: UEM, 1981.

JOSÉ, B. L. **Vozes da Representação: memórias do Teatro Moçambicano (1965-2016)**. Colectânea de Entrevistas realizadas em Maputo. Volume 1. Maputo: Imagem Gráfica. 2020.

MACHEL, S.M. Discurso do Presidente Samora Machel aquando da atribuição do nome Eduardo Mondlane à Universidade. **A classe trabalhadora deve conquistar e exercer o poder na frente da ciência e da cultura**. Maputo: UEM, 1976.

MAGAIA, A. As trinta mulheres de Muzeleni. **Tempo** nº 188, 21 de Abril, pp.25- 28. 1974.

MATOS, N. de. Notas sobre o livro “história da associação académica de moçambique 1964-1975”. **Savana**, 11 de Novembro, p.19. 2016.

MAZULA, B. Dia Internacional dos Museus. **Domingo**, 20 de Maio, p.15. 2001.

MOIANE, E. J. **A contribuição da Associação de Futebol Africana (AFA), na luta anticolonial em Moçambique, 1920-1975**. Dissertação (Mestrado). Universidade Eduardo Mondlane. Faculdade de letras e Ciências Sociais. Departamento de História, Maputo. 2018.

MUTEIA, H. (coord.). **Eco, Revista de Literatura e Cultura**, 1. 1987.

MUTISSE, L.; Gaspar, N. e Machava, A. **Contribuição para o Estudo do Desporto em Moçambique, 1975-2015**. Ministério da Juventude e Desporto. Maputo, 2017 (Não Publicado).

PEREIRA, C. L. e GONZALEZ, L. **História da AAM Associação Académica de Moçambique (1964-1975)**. Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras, 2016.

----- . **História da AAM Associação Académica de Moçambique (1964-1975)**. Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras, 2016.

MOÇAMBIQUE. **Resolução nº 4/79 da Comissão Permanente da Assembleia Popular, 3 de Maio de 1979/BR nº 50 de 3 de Maio de 1979 (I Série)**.

ROCHA, A. Desporto e Ciências Sociais. In **Conferência Nacional sobre o Desporto**. Maputo, 2014 (Artigo Não Publicado).

----- . **Notas extraídas da Contextualização da Proposta de Realização do V Encontro Internacional sobre o Desporto e Lazer em África**. Universidade Eduardo Mondlane/Faculdade de Letras e Ciências Sociais, 2018.

SARDO, S. **Guerras de jasmin e mogarim: música, identidade e emoções em Goa**. Alfragide: Texto editores, 2013.

Suplemento 50 Anos UEM. **Domingo**, 14 de Outubro. 2012.

Universidade Eduardo Mondlane e Caminhos de Ferro de Moçambique. **A Comuna**. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1979.

TITIEV, M. **Introdução à antropologia cultural**. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 2000.

UEM. **Plano Estratégico da UEM 2018-2028**. Maputo: UEM. 2018.

UEM. Boletim Informativo da UEM/BIUEM, n. 14, Agosto de 1999.

Notas

¹ Título da brochura editada na sequência da visita do Presidente Samora Moisés Machel à Universidade, em 1 de Maio de 1976. A brochura, contendo o discurso de Samora Machel, foi composta e impressa em *Offset* na Imprensa da Universidade Eduardo Mondlane.

² O curso de Ciências Pedagógicas foi um dos cursos que funcionou no 1º ano de existência dos EGUM, com 133 alunos matriculados. Estavam matriculados 294 alunos nos diversos cursos.

³ O Grupo Cénico das Forças Populares de Moçambique (FPLM) foi constituído em Nachingwea (Tanzânia) durante a luta armada de libertação nacional. O texto e a encenação das peças eram resultados de um trabalho colectivo e estas tinham uma função formativa e mobilizadora.

⁴ A Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), constituída em 31 de Agosto de 1982, editou, posteriormente, diversos Cadernos de Consulta. *Escrever é Criar* é o n.º 1 e inclui excertos de intervenções, de improviso, da autoria de Marcelino dos Santos (em maior número), Fernando Ganhão e Sérgio Vieira, durante o Acto Constitutivo da AEMO.

⁵ A revista era iniciativa de Daniel da Costa, Fernando C. Chiziane, Florentino S. Dick, Hélder Muteia, Inácio M. Chire e Suleiman Cassamo e possuía as seguintes rubricas: Arco-Íris, Aurora, Páginas sobre Páginas, Ricochete e Tribuna Cultural.

⁶*Excavations at the University Campus. Maputo, Mozambique, 1984-85* (também com texto em Português) é o resultado do trabalho realizado pela Universidade Eduardo Mondlane e pelo *Central Board of National Antiquities* da Suécia, publicado em 1987 em Estocolmo.